



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da Linha de Transmissão Desterro-Palhoça**

**Florianópolis-SC, 27 de fevereiro de 2009**

Realmente, o povo brasileiro merece ser homenageado, porque com a fome que muitos devem estar aqui, ainda estar com esse ânimo todo... Eu quero agradecer a vocês a paciência.

Mas eu quero cumprimentar o nosso governador Luiz Henrique e, cumprimentando a ele e ao prefeito de Florianópolis, quero cumprimentar todos os companheiros prefeitos, diretores da Eletrobrás, diretores da Eletrosul, ministros que me acompanham aqui, porque eu quero economizar nas palavras, e dizer para vocês porque eu tomei a decisão de vir a Florianópolis hoje. Esta obra, que começou a funcionar no dia 28 de dezembro do ano passado, tem uma importância excepcional para o estado de Santa Catarina mas, sobretudo, para Florianópolis. Mas ela tem um significado político muito forte para mim, acho que para a companheira Dilma, para o companheiro Governador, para o Lobão e, sobretudo, para aqueles da Eletrosul que trabalharam nesta obra.

Foi uma das obras mais demoradas para que nós conseguíssemos licença ambiental para construir esta obra. Não eram fáceis as discussões que nós fazíamos lá na mesa da Presidência da República, depois no Ministério de Minas e Energia, depois na Casa Civil. E quem está no governo, quem tem a tarefa de executar uma obra, sempre fica irritado quando tem algum empecilho. Mas, muitas vezes nós temos que agradecer também a esses empecilhos, porque também a culpa não é da pessoa que cria o empecilho, a culpa é da legislação que nós mesmos fizemos para este país e que, muitas vezes, ela se torna impeditiva das coisas acontecerem.

Eu dizia ao governador Luiz Henrique: nós estamos vivendo um



momento que se um governador de estado ganhar as eleições, ou um presidente da República, e ele não tiver uma prateleira de projetos, ele é capaz de terminar o mandato sem fazer nenhuma grande obra de infraestrutura. E não precisa aqui ficar analisando profundamente. É só ver, depois do governo Geisel, qual a obra de infraestrutura que foi feita neste país.

Obviamente que eu não gostaria que Itaipu tivesse alagado Sete Quedas, de tão bonito que era aquilo lá. Era possível que naquele tempo, se houvesse a consciência que tem hoje, nós tivéssemos encontrado um outro jeito de fazer a mesma produção de energia sem alagar Sete Quedas.

Mas a verdade é que hoje a grande discussão que nós temos é de colocar na mesa como fazer as coisas acontecerem. Eu me lembro de uma estrada que é feita aqui, em Florianópolis, que vai do centro da cidade até o aeroporto, não acabou ainda aquilo lá. Não acabou. Eu vim aqui no tempo de sindicalista e aquilo já estava começando. Eu já deixei de ser sindicalista, já perdi três eleições para presidente da República, ganhei duas, e ainda não está pronta. A Inglaterra e a França começaram a fazer o Eurotúnel depois de nós, Luiz Henrique, e já inauguraram um túnel de 60 Km entre a Inglaterra e a França, e nós não conseguimos fazer... Quantos quilômetros? É mole?

Então, vejam, é preciso que a gente encontre uma solução porque não é racional que uma coisa fique tantos anos numa demanda, numa briga entre setores, entre agentes, entre partes interessadas, e a gente não dar uma solução: ou pode ou não pode. Se não pode, [se] o governo do estado não tem dinheiro para fazer o novo aeroporto, [e se] o governo federal não tem, então vamos dizer ao povo: não tem aeroporto porque não é possível fazer estrada, ou não dá para mudar.

Esse linhão aqui, meus filhos, demorou tanto, porque havia a compreensão de que os cabos não poderiam passar por debaixo d'água, depois havia a compreensão de que as linhas não poderiam passar pela Mata Atlântica. E eu falava: está desgraçado. Se não pode passar por baixo, nem



pode passar por cima, onde eu vou passar esse negócio? Por Deus do céu que eu quase que desço, mergulhando, para perguntar para os peixes: Tem alguma coisinha contra, aqui? Esse cabo vai atrapalhar vocês? Permitam. Vai haver... Mas as pessoas que criaram caso são menos culpadas. Culpada é a legislação que nós fazemos, quando estamos no Congresso Nacional, porque lá nós agimos como se fôssemos suíços e não damos sequer garantia ao companheiro que vai liberar uma obra. Porque se ele a liberar e o Ministério Público não concordar, ele é processado, seus bens são disponibilizados e ele ainda tem que colocar dinheiro do seu bolso para pagar advogado. Então, fica tudo muito difícil.

E o que pensa um servidor, muitas vezes bem-intencionado, com vontade de ajudar? Ele fala: “Bom, está aqui esse Luiz Henrique quatro anos, está esse tal de Lula quatro anos, eles querem fazer, mas eles passam logo. Eu sou de carreira, vou ficar a vida inteira. Eu não faço com eles, faço com outro, ou faço com outro, ou faço com outro”. E assim a vida vai sendo tocada. A vida vai sendo tocada e a gente percebe que uma coisa que poderia ter sido simples demorou três anos para a gente conseguir começar a fazer.

É uma obra bem-feita, engenharia tecnicamente perfeita. Eu vi até os cabos afundados um pouco dentro da areia no mar. Portanto, não vai atrapalhar nenhum peixinho, todo mundo vai transitar, lagosta, camarão, ali vai todo mundo transitar normalmente, fazer a sua festa sem intromissão do ser humano e, muito menos, dos cabos da Eletrosul.

As torres, eu também sobrevoei de helicóptero, é uma obra-prima o fato de a gente ter feito as torres lá, levar de helicóptero. Agora, todo mundo tem que saber que aquilo tem um pouquinho mais de custo e que quem paga é o consumidor brasileiro. Todo mundo tem que saber, porque cada vez que custa mais a obra, mais a gente tem que repassar para o consumidor. É assim que faz a Eletrosul, é assim que faz a Eletronorte, é assim que faz a Eletrobrás, é assim que faz todo mundo. Mas está uma obra, do ponto de vista de



engenharia, perfeita.

Eu, que sofri já, recém-eleito, um apagão, recebi o Luiz Henrique duas vezes para se queixar do apagão, fico extremamente feliz de poder passar para a história como o Presidente da República que, junto com o governo do estado, com a Eletrosul, com a Eletrobrás, garantimos que nos próximos 30, 40 anos Florianópolis não vai ter problema de apagão. Obviamente que sempre temos que (incompreensível), porque o pessoal me mostrou aqui o centro de operações, é tudo tão moderno que eu penso que nunca vai acontecer nada mesmo. Um tal de um homem sentado numa cadeira, um tal de um painel cheio de coisas, de bolinhas, com um tanto de computadores na frente dele, e ele falou que qualquer coisa que aconteça, em qualquer lugar, ele sabe na hora. Imaginem no nosso tempo, que a gente tinha que sair a cavalo atrás de procurar o lugar que tinha quebrado. E o que é mais importante: tecnologia eminentemente brasileira.

Então, eu não poderia deixar de vir aqui, Luiz Henrique, para participar deste momento, porque se o governo não vier nas coisas boas, nas coisas ruins ele vem, mesmo que não esteja presente. É, a gente não está presente aqui, mas está presente nas páginas dos jornais, na televisão, no rádio, se as coisas derem errado, porque quando acontece alguma coisa errada, nós temos que encontrar um culpado rapidamente: começa com o prefeito, passa para o governador, passa para o Presidente da República e, quando chega lá em cima não tem retorno, não tem para quem repassar. Não tenho. O bispo da igreja católica ainda passa para o Papa. Nem para o Obama eu posso passar, porque o Obama é mais novo do que eu, menos experiente do que eu, então eu tenho que ficar com as minhas agonias.

O fato concreto é que o que nós fizemos nesses últimos cinco anos vai ser reconhecido por esta meninada que está aqui na frente. Os meninos que têm 18 anos, 19 anos vão reconhecer o que está sendo feito. Primeiro, a recuperação da Eletrobrás. A Eletrobrás foi uma empresa desmontada.



Desmontada, porque o objetivo era privatizar. Nós decidimos transformar a Eletrobrás numa megaempresa brasileira que conquiste no mundo a mesma respeitabilidade da Petrobras, que possa tomar dinheiro emprestado lá fora para fazer obras.

Agora eu fiquei sabendo, Dilma, porque o Luiz Henrique me disse, que eu precisava tomar providências porque o BNDES não empresta dinheiro para empresas estatais do setor elétrico. Veja, não é possível. É uma decisão que a gente passa o mandato e não percebe, se alguém não avisa. E só pode avisar alguém que está tomando dinheiro emprestado e foi negado, o que é um absurdo. Essa lógica valia no tempo em que o governo queria que as empresas públicas quebrassem para poder justificar a privatização. Mas para quem quer recuperar as empresas... E não é possível, também acabou o tempo em que o BNDES não tinha dinheiro. Nós acabamos de passar R\$ 100 bilhões para o BNDES fazer investimentos. Então, esse vai deixar de ser um problema, porque não é possível, nós não podíamos nem participar de licitação, era proibido as empresas públicas participarem de licitação. Qual era o objetivo? Quebrar as empresas públicas, para a gente ficar ouvindo todo dia: “A iniciativa privada é eficiente, a pública não vale nada”. Não é isso que a gente ouviu durante 20 anos neste país?

Agora que os especialistas do mercado mundial quebraram nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha, na França e no mundo inteiro, bancos que apareciam nos índices de “fortaleza econômica” com uma pizza deste tamanho, um gráfico desta altura, hoje as suas ações valem menos do que qualquer coisa no mundo, porque foram irresponsáveis, especularam, ganharam dinheiro sem produzir um parafuso ou uma porca. E agora quem vai salvá-los é o Estado, que não prestava. É o Estado, que não valia para nada, que eles querem agora que coloque dinheiro.

Olhem, eu penso que quem já passou fome até agora pode agüentar mais um pouquinho. Quando eu era mais novo, eu enchia a barriga de



palavras. Por favor, não comam muito, porque pode dar indigestão em vocês.

Eu penso que o momento que nós estamos vivendo é um momento de refazer as coisas que precisam ser feitas. Eu estou convencido de que no dia 2 de abril, quando estivermos em Londres para discutir com o G-20 qual a regulação que vamos criar para o sistema financeiro internacional, certamente dessa decisão tem que sair alguma coisa muito forte. Porque não é possível que todo e qualquer cidadão preste contas à sociedade, e o sistema financeiro internacional não prestava conta. E é muito interessante, gente, como é que eles sabiam dar palpites quando era o Brasil que estava em crise. Eu nunca vi tanta gente esperta para descer no aeroporto de Cumbica ou no aeroporto do Rio de Janeiro já dando palpite: “o governo tem que fazer isso, o ministro tem que fazer aquilo, o banco tem que fazer aquilo, tem que evitar tal obra, tem que fazer ajuste fiscal”. Era como se nós fôssemos um bando de analfabetos e eles fossem graduados, doutorados em ensinar como é que a gente tinha que cuidar da nossa economia. Pois bem, hoje o nosso humilde Brasil, tantas vezes achincalhado por nós mesmos, porque no Brasil tem um tipo de gente que adora puxar o saco de coisa estrangeira e falar mal de coisa brasileira, tem um tipo de gente que é especialista em falar: “fulano de tal é que sabe, nós não sabemos nada. A universidade tal é que é boa, a nossa não vale nada”. E vai por aí afora.

Ou seja, este país tão humilde e tão achincalhado, quando sentar à mesa do G-20 certamente será um dos países que terá mais autoridade moral para falar como se cuida de um país. Lógico que nós temos problemas, temos problemas porque não estamos isolados no mundo, mas não podemos aceitar o protecionismo daqueles que há 20 anos diziam que era preciso acabar com o protecionismo e criar o livre mercado. Não podemos aceitar a idéia daqueles que pregaram o livre mercado durante 30 anos, agora dizer: “Temos que fazer proteção para garantir o nosso emprego, para garantir o nosso aço, para garantir as nossas casas”. Não. Vamos jogar o jogo sério. Até porque os



grandes estão com uma crise maior que os pequenos, mas os pequenos sofrem mais porque são mais pobres. Os grandes vão deixar de comer um bife, e os pobres não vão comer nada. Por isso é que nós vamos ter que, com muita força, mudar e levar o Brasil como exemplo.

O Brasil hoje tem uma solidez que outros países não têm. Graças a Deus, nós não privatizamos o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, o BNDES, o BNB, o Basa. Pegamos o Besc para o Banco do Brasil, para torná-lo o banco mais forte deste país, porque se os Estados Unidos ou a Alemanha tivessem 50% do crédito interno de bancos públicos, certamente, eles não estariam passando pela crise que estão passando por falta de crédito. O dinheiro desapareceu do mercado. E o pouco que tem está muito caro.

Eu, particularmente, estou mais otimista do que sempre estive, ou seja, não adianta alguém tentar... Hoje eu vi um jornal que publica uma foto minha rindo, com a Dilma, e fala: “do que estão rindo?”. Eu, da próxima vez, vou aparecer chorando, que é para ele publicar: “Por que não ri?”.

Eu sou um homem que tem razões de sobra para estar feliz, tem razões de sobra. Isso que nós viemos fazer aqui e o linhão que anunciamos ontem em Brasília vão permitir que, ao terminar o meu mandato em 2010, em oito anos a gente tenha feito, de linhas de transmissão, 42% de tudo o que foi feito em 125 anos neste país. Os que querem que eu apareça triste vão sofrer muito, porque este ano eu vou inaugurar neste país cem escolas técnicas novas, cem. É importante lembrar que de 1909 a 2003 foram feitas 140. Em um ano, nós vamos inaugurar cem e no mandato inteiro serão 214 escolas técnicas feitas a mais neste país. Está aqui o nosso reitor, o nosso reitor da universidade estava por aqui. Ele sabe há quantos anos não tinha uma extensão universitária em Santa Catarina, estamos levando para três novas cidades extensões universitárias. Ele sabe o que significa o Reuni. Só para vocês terem idéia: o Brasil renovava, nas universidades federais, apenas 113 mil vagas por ano. Este ano, renovamos mais de 300 mil novas vagas na universidade federal. E



vamos fazer mais. Este ano... não sei se vocês viram aquela propaganda do Ministério da Educação, na televisão, em que aparece uma estudante negra do ProUni, formada em medicina. Não é apenas aquela. Só este ano são 56 mil jovens os primeiros que se formam pelo ProUni. E desses 56 mil jovens 40% são negros.

Bem, eu estou dizendo isso porque quem vier a partir da nossa geração, Luiz Henrique, tem um outro paradigma. Até outro dia, um presidente chegava no governo e olhava: o que foi feito no outro? Nada. Aí o compromisso dele era pouco. Mas hoje, quem vier depois de nós vai falar: “Puxa vida, eu vou ter que trabalhar”, porque o paradigma é outro, é outro em obra de saneamento básico, é outro em habitação popular, é outro em estradas. É só pegar as estradas do Brasil. Houve momentos em que tinha gente que colocava repórteres para correrem as estradas para mostrar o buraco. Andem hoje. Podem encontrar um buraco, mas vão encontrar uns 50 mil quilômetros sem buraco neste país. Mostrem o buraco, mas mostrem que não tem buraco também.

Hoje, os pobres são menos pobres, muito menos pobres. E agora tem gente torcendo: “Puxa vida, graças a Deus vai ter um desempregozinho e aí o governo vai se ferrar”. Porque, gente, é impressionante, eu ando todo dia, vocês não vêem, mas eu coloco um galho de arruda aqui na orelha, porque o que tem de ave de mau agouro...

Obviamente que nós vamos ter problemas de alguns setores da economia. Agora, nós precisamos saber é o patamar em que nós estamos hoje. O que nós precisamos saber é que nós estamos num patamar em que, em seis anos, foram criados quase 10 milhões de novos empregos. O que nós temos que saber é que nós vamos perder emprego em um setor e vamos crescer em outro. As obras do PAC, na maioria delas, nós estamos contratando para trabalhar em dois ou três turnos, que é para gerar mais empregos, e muito mais empregos. Nós queremos é trabalhar em obras que não atrapalhem a população de dia e de noite, porque esse é o período em que nós precisamos





fazer com que haja mais oportunidades de empregos no Brasil.

Estamos preparando, certamente dentro de 15 ou 20 dias nós estaremos lançando talvez o mais ousado programa do nosso governo, que é a construção de 1 milhão de casas populares neste país. Já poderíamos ter lançado, mas não lançamos porque eu quero ser criterioso como fomos no PAC. Temos que conversar com os governadores, conversar com o movimento social, com o movimento de moradias, temos que conversar com os empresários, para que quando lançar o programa, a gente lance e ele possa começar a funcionar rapidamente. Só posso garantir para vocês que o dinheiro nós temos para fazer isso, e vamos anunciar.

Além disso, uma outra razão que me trouxe aqui é que depois eu gostaria que a ministra Dilma conversasse um pouco com a imprensa, que é uma prestação de contas daquilo que foi a ação do governo federal junto com o estadual, junto com a Casa Civil, junto com a Defesa Civil nacional, com a Defesa Civil estadual, para ver todas as coisas que estão em andamento, o que está faltando, o que não andou, o que andou, porque essa prestação de contas tem que ser uma coisa sistemática, porque nós tomamos a decisão, essa decisão está tomada, muitos dos recursos já foram disponibilizados. Agora, muitas vezes não tem projeto, e se não tiver projeto não tem como dar dinheiro, é preciso que cada um assuma a responsabilidade. Então, o que eu não quero é ninguém culpando ninguém. O que eu quero é prefeito, governador e governo federal juntos, fazendo aquilo que já está pronto para fazer e elaborando corretamente os projetos das coisas que faltam fazer.

A única coisa que, lamentavelmente, a gente não vai recuperar nunca são as vítimas da tragédia de Florianópolis, as mais de 200 vítimas que morreram ali, o que é uma coisa irrecuperável.

No mais, eu quero terminar dizendo aos companheiros de Santa Catarina... Eu já disse isso outra vez e tenho medo de dizer e causar constrangimento a outro estado. Mas quando eu soube pela primeira vez que



Florianópolis, com a quantidade de praias extraordinárias que tinha, era uma das cidades com menos tratamento de esgoto neste país e coleta, eu falei: não basta Deus dar as coisas boas para a gente, e a gente não saber cuidar direito. Deus queira que você faça os 80% e quando vier o próximo prefeito, ele faça os outros 20%, e que a gente possa anunciar ao mundo que Floripa e o estado de Santa Catarina podem estar 100% com coleta e tratamento de esgoto. Esse é um objetivo, porque se alguém tiver dúvida da beleza deste estado... A Dilma, que é gaúcha, e costuma freqüentar muito a praia de Torres, o Luiz Henrique poderia convidar a Dilma para passar três dias aqui, neste verão ainda, e fazer ela dar uma passadinha de helicóptero aqui por cima, para ela ver onde é que Deus pôs o dedo. Eu queria saber... Na divisão geográfica do Brasil teve um cara muito esperto e muito malandro porque deixou o Rio Grande do Sul grandão, o Paraná grandão, Santa Catarina pequenininha, mas dizem que os melhores perfumes estão nos pequenos frascos, e as melhores praias estão neste estado que é um dos menores da Federação. Por isso, Dilma, eu te aconselho a passar uns dois dias aqui. E digo mais: a casa de governo do estado, aqui, é uma casa para colocar inveja em qualquer presidente da República de qualquer país do mundo. Então, eu espero que ele te convide e que você aceite, para você saber por que eu estou falando bem do estado.

Um abraço. Parabéns, Eletrosul. Parabéns ao governo e parabéns a Santa Catarina.

(\$211A)